

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM COMUNIDADES RURAIS DO SEMIÁRIDO: A EXPERIÊNCIA DA CSA MEU QUINTAL EM SUA CESTA

Rannyerison Carlos Pereira Silva

*(Licenciando em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
carlos.silva.127@ufrn.edu.br)*

Mayara Joice da Silva Santos

*(Licencianda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
mayarasilvaufnr@gmail.com)*

Anelisse da Silva Pinheiro

*(Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
anelissepnhr1@gmail.com)*

Emily Kadidja de Medeiros

*(Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
emilykadidjademedeiros@gmail.com)*

Leandro Vieira Cavalcante

*(Doutor em Geografia, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
leandro.cavalcante@ufrn.br)*

RESUMO

Este trabalho analisa a experiência da CSA Meu Quintal em Sua Cesta, pautada na comercialização de cestas agroecológicas, enquanto expressão da economia solidária em comunidades rurais da Chapada do Apodi (CE). Inserida no Semiárido, esta região enfrenta problemáticas tanto do viés socioeconômico quanto ambiental. O estudo busca compreender como essa iniciativa de economia solidária fortalece a renda, a organização comunitária e a resistência territorial. A pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa. Seus resultados indicam que a CSA contribui não somente para a autonomia produtiva local, mas também revela o potencial da economia solidária como alternativa ao modelo de produção capitalista.

Palavras-Chave: Empreendimentos solidários; Chapada do Apodi; Organização comunitária.

Identificação do GT - GT2: Estudos Agrários

1 INTRODUÇÃO

Localizada na região semiárida, entre os estados do Rio Grande do Norte e Ceará, a Chapada do Apodi apresenta características marcantes do ponto de vista ambiental e socioeconômico. Inserida em um contexto de instabilidades climáticas e desigualdades estruturais, a Chapada do Apodi torna-se palco para implementação de projetos da economia solidária, juntamente com a inserção de tecnologias sociais, que são estratégias desenvolvidas a partir do conhecimento local e voltadas para a promoção da autonomia das comunidades. Tais tecnologias são adaptadas às especificidades ambientais e culturais da região e têm se mostrado fundamentais para a convivência com o Semiárido, contribuindo para a gestão da água, a produção de alimentos e o fortalecimento de redes de cooperação (Malvezzi, 2007).

A partir da ação de práticas de comercialização e organização comunitárias pautadas na economia solidária, as experiências desenvolvidas na Chapada do Apodi se consolidam como uma resposta concreta às crises sociais e econômicas, oferecendo oportunidades reais de inclusão produtiva, especialmente para populações camponesas. Através da formação de cooperativas, associações e empreendimentos autogestionários, a economia solidária promove não somente o sustento econômico, mas também o fortalecimento dos laços sociais (Singer, 2002), reforçando a resistência comunitária diante das adversidades.

Com base nos princípios da economia solidária, que se sustentam na autogestão, cooperação e solidariedade (Singer, 2002), em comunidades rurais da Chapada do Apodi, em específico no município de Tabuleiro do Norte (Ceará), é desenvolvida uma estratégia de economia solidária conhecida como CSA Meu Quintal em Sua Cesta, composta por agricultores(as) que produzem e comercializam de forma solidária, a partir da atuação comunitária e organizações da sociedade civil, com destaque para a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte. Esse tipo de empreendimento solidário fortalece o trabalho no coletivo e em associação (Gaiger, 2003), relevando-se uma experiência inovadora na região.

Nesse contexto, foi observado que a economia solidária se associa às práticas agroecológicas, ao passo da adoção de diversas tecnologias sociais, que reverberam a Convivência com o Semiárido (Malvezzi, 2007) e proporcionam melhores oportunidades aos(as) agricultores(as) das comunidades rurais de Tabuleiro do Norte. Assim, a agroecologia, segundo Altieri (2006), trata-se de uma abordagem que integra princípios econômicos, sociais e ecológicos, contribuindo para a efetivação dos empreendimentos e experiências solidárias.

Para que a CSA consiga promover essa experiência de economia solidária, a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte presta assessoria junto ao grupo de agricultoras e agricultores, auxiliando na logística e efetivação do trabalho. Dessa forma, a CSA implementa um modelo que aproxima produtores e consumidores, chamados de co-agricultores, por meio de ações solidárias, onde ambos compartilham responsabilidades e benefícios da produção. A CSA, atualmente, é composta por 12 grupos familiares que produzem uma variedade de alimentos agroecológicos, incluindo hortaliças, frutas, ovos, carnes, doces, entre outros gêneros.

O projeto foi criado em março de 2021, apresentando-se como uma iniciativa inovadora que fortalece a agricultura familiar e promove práticas agroecológicas sustentáveis, promovendo a soberania alimentar e o respeito à natureza (Junqueira; Moretti, 2018). A proposta surgiu como resposta aos desafios enfrentados pelas famílias camponesas da região,

especialmente durante a pandemia da Covid-19, quando a suspensão de feiras livres comprometeu significativamente a comercialização dos produtos agrícolas.

Todavia, em meio ao desenvolvimento das experiências de economia solidária e de práticas agroecológicas, é evidente na região da Chapada do Apodi, com destaque para o município de Tabuleiro do Norte, uma configuração territorial marcada pela crescente presença do agronegócio, especialmente a partir da última década (Sousa; Cavalcante, 2024). Esse avanço e efetivação do modelo de produção do agronegócio tem causado grandes impactos às comunidades rurais, apresentando-se como uma ameaça ao desenvolvimento de experiências solidárias, visto que tem limitado a permanência dos(as) agricultores(as) no território e contaminado os cultivos agroecológicos com agrotóxicos (Sousa, 2023).

Diante deste contexto de vulnerabilidade socioeconômica e ambiental que marca o semiárido brasileiro, emerge a tentativa de analisar a experiência da CSA, como uma iniciativa de economia solidária desenvolvida por agricultores(as) familiares em comunidades rurais no município de Tabuleiro do Norte. O presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos das práticas solidárias realizadas pelo grupo e como se apresenta nas condições de vida dos participantes, bem como apontar os desafios enfrentados. Busca-se, assim, compreender de que maneira as práticas solidárias podem contribuir para a construção de alternativas sustentáveis, resilientes e socialmente justas, em territórios marcados por adversidades, como observado na Chapada do Apodi.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como um estudo de caso voltado à compreensão da experiência de economia solidária nas comunidades rurais de Tabuleiro do Norte. Desta forma, foram realizadas visitas *in loco* nas comunidades rurais, entre os dias de 29 e 30 de abril de 2025, como parte do intercâmbio de mulheres realizado pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Territórios do Semiárido (SEMIAR) e a Cáritas Diocesana de Caicó/RN, em parceria com a Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte/CE.

Na ocasião, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com agricultores(as) da Chapada do Apodi e funcionários da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas, servindo de base para as análises. Além das entrevistas, também foram realizadas rodas de conversa, onde foi possível discutir e conhecer as problemáticas do território, bem como a construção do projeto CSA Meu Quintal em Sua Cesta.

Ademais, para melhor análise das discussões, foram realizados levantamentos bibliográficos acerca das temáticas centrais, como economia solidária e empreendimentos solidários.

Nesse sentido, visando discutir os principais resultados dessa experiência, a partir das entrevistas realizadas com membros das comunidades da Chapada do Apodi e representantes da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte, e com base no aporte teórico, os dados obtidos em campo foram organizados em categorias temáticas que possibilitam a análise da experiência de economia solidária no contexto investigado, como discutido na sequência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência de economia solidária analisada neste trabalho refere-se à Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), uma tecnologia social implantada nas comunidades rurais da Chapada do Apodi. Essa iniciativa consiste na organização de cestas com alimentos produzidos nos quintais agroecológicos das unidades familiares, as quais são destinadas diretamente aos consumidores finais - os chamados co-agricultores. Diferentemente da lógica mercantil tradicional, esses consumidores realizam o pagamento antecipado, permitindo que os(as) agricultores(as) tenham recursos para manter seus cultivos. A prática fortalece os vínculos entre campo e cidade, promovendo uma relação mais justa e solidária entre quem produz e quem consome (Melo; Freitas; Calbino, 2020; Oliveira *et al.*, 2022).

Figura 01 - Cestas utilizadas para o envio dos produtos aos co-agricultores.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Aliada a essa experiência, as comunidades de Tabuleiro do Norte dispõem de uma rede de tecnologias sociais que auxiliam de forma eficiente e sustentável o processo de produção, como mostra a Figura 02. Segundo Sousa *et al.* (2017), essas tecnologias são interpretadas como métodos ou instrumentos voltados à resolução de problemas sociais e se caracterizam pela

simplicidade, baixo custo, facilidade de replicação e capacidade de gerar impacto social positivo para as famílias. Ainda segundo os autores, trata-se de inovações desenvolvidas coletivamente por atores diretamente envolvidos em sua utilização. A partir desse entendimento, percebe-se que o conceito de tecnologias sociais corresponde às realidades vivenciadas pelas comunidades e denota uma forma de convivência com o Semiárido.

Figura 02 - Algumas das tecnologias sociais utilizadas pelos(as) agricultores(as).



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Nessa perspectiva, a partir das conversas com os(as) agricultores(as) e as vivências no território, foi observado que a CSA desempenhou muito mais do que uma prática de geração de renda, sendo possível averiguar que o projeto contribuiu significativamente no fortalecimento das relações sociais entre os sujeitos envolvidos. Esse fortalecimento de relações fica evidente a partir de relato de uma agricultora, após ser perguntada se a renda foi ampliada após sua inserção na CSA:

Muito, meu filho, melhora muito, e a gente fala muito, não foi nem tanto financeiro, [...], mas que foi a união, essa é a coisa que a gente presa mais na CSA, ainda é a união (Relato de entrevista com agricultora 01).

Assim, os participantes entendem que o lucro não é o principal objetivo buscado nessa atividade. Se torna importante destacar que a CSA é uma prática de economia solidária, sustentada por relações de cooperação e solidariedade, onde os processos de produção, consumo e comercialização de bens e serviços ocorrem de modo autogerido, em que a finalidade é a reprodução ampliada da vida (Singer, 2002). Pertinente a isso, uma funcionária da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte ressalta:

Como diz uma agricultora: “mas para mim o importante não é o dinheiro, é a união, é a experiência”. [...], porque cada um sai da sua casa, leva o produto para um local fixo e lá eles vão montar as cestas, de acordo com o pedido. Então, essa saída da casa de fulano, a outra daqui, ela dizia que para ela era isso que deixava ela feliz, porque ela, de fato, é a que menos tem retorno financeiro, mas era essa ação de estar junto (Relato de entrevista com funcionária da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte).

Outro aspecto relevante é o vínculo de confiança estabelecido entre agricultores e co-agricultores. Conforme asseguram Junqueira e Moretti (2018), essa relação é firmada via confiança, não apenas em termos de contratos, mas também na garantia de alimentos de qualidade, produzidos sem agrotóxicos e a partir dos princípios da agroecologia. Acerca disso, uma agricultora relatou:

Porque eles não são nem clientes, são co-agricultores, porque eles conhecem nossos quintais, já houve intercâmbio deles virem conhecer nossos quintais, ver o que a gente produz (Relato de entrevista com agricultora 01).

Dessa forma, a CSA transforma a comercialização de alimentos em uma prática baseada na reciprocidade e no reconhecimento mútuo (Melo; Freitas; Calbino, 2020). Essa lógica rompe com o modelo tradicional de comercialização e fortalece os circuitos agroalimentares de produção e consumo, como observam Sousa e Cavalcante (2024). Nesse sentido, é notável que a experiência de CSA ultrapassa aquilo que entendemos como simples atividades de comercialização, em que os produtores produzem e enviam suas produções para os consumidores, observando-se a formação novos vínculos entre produtores e consumidores e/ou até mesmo entre os próprios produtores.

Nesse cenário, é importante ressaltar um conjunto de métodos alternativos de produção, geralmente ligados à economia solidária e à agroecologia, como apontado por Silva *et al.* (2025). A união entre a economia solidária e a agroecologia sugere caminhos para fomentar o desenvolvimento sustentável tanto na cidade quanto no campo, estimulando a cooperação e a adoção de uma agricultura orgânica, preservando o meio ambiente e as comunidades. Assim, é perceptível que os camponeses das comunidades de Tabuleiro do Norte compreendem essa interação e utilizam essas práticas.

Dessa maneira, após ser perguntado sobre como a experiência de CSA influencia na agroecologia, um agricultor afirmou:

[...] Mostrando pra eles que tem como a gente produzir no nosso quintal sem o veneno. Sempre sem o veneno... Um quintal pequeno que você produz a sua própria alimentação. De forma saudável. (Relato de entrevista com agricultor 02).

Essa fala refere-se a uma prática adotada por todos os(as) agricultores(as) que fazem parte da CSA, onde assumem o compromisso de produzir alimentos saudáveis sem nenhum tipo de veneno, face à preocupação com a saúde de quem produz e de quem consome, bem como com a saúde de todo o território.

Contudo, a realização da CSA não se dá sem tensões. O território da Chapada do Apodi vem sendo crescentemente ocupado por empreendimentos do agronegócio. Essas áreas são especialmente voltadas à produção de algodão transgênico (Cavalcante, 2021), o qual tem gerado conflitos territoriais ao restringir o acesso das comunidades camponesas à terra e à água (Sousa, 2023). Como relata um agricultor:

Aqui na nossa região, o agronegócio, depois que chegou aqui, o primeiro impacto foi na parte econômica. [...] Nós criamos em áreas coletivas. [...] A partir do momento que o agronegócio chega, vai diminuindo até nessa área e limitando nossa produção (Relato de entrevista com agricultor 02).

Além das disputas territoriais, as comunidades enfrentam ainda a irregularidade no abastecimento hídrico, que destacam uma grave insegurança hídrica na região. Apesar da existência de uma adutora, o fornecimento de água é precário e instável, como observado no relato inserido na sequência, que denota a gravidade da situação:

A gente tem uma adutora aqui. A água dessa adutora é para vir uma semana sim, uma semana não, para vir a água. Aí tem vez que passa de 20 dias, 30 dias, sem vir a água, né? (Relato de agricultora 01)

Diante destes desafios, a CSA se configura não apenas como uma estratégia de produção e comercialização, mas como uma forma de resistência política. Ao reunir agricultores(as) em torno de práticas solidárias e agroecológicas, a CSA fortalece o protagonismo comunitário e atua na defesa do território contra o agronegócio e na luta pelo direito à água. Essa dimensão de resistência reafirma o potencial transformador da economia solidária quando articula as lutas por justiça socioambiental no Semiárido. Como destaca uma representante da Cáritas:

A CSA acabou sendo essa articuladora política do território, porque essas pessoas que assumem a articulação política em defesa da água, em defesa da terra, em defesa do território, são elas juntas que fazem as campanhas, que vão à luta (Relato da funcionária da Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte).

Através das entrevistas realizadas, foi possível compreender a CSA como uma experiência de economia solidária, onde os princípios de autogestão, cooperação e solidariedade são empregados. Além disso, a CSA destaca-se por produzir e reproduzir um modelo de produção agroecológica, onde os agricultores(as) praticam uma agricultura sustentável, visando a preservação do meio ambiente, bem como visa produzir alimentos saudáveis e garantir soberania alimentar para todos.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar os desafios impostos a essas comunidades, como a falta de acesso à água e o avanço do agronegócio, impactando diretamente na sobrevivência das comunidades e a manutenção de sua produção. No entanto, a CSA vai além

de uma simples experiência produtiva, consolidando-se como um espaço de resistência. Diante disso, ela se configura como um grupo que resiste também aos desafios impostos pela presença do agronegócio, formando assim um coletivo de agricultores(as) que luta em defesa de seu território. Portanto, é certo afirmar que a CSA, enquanto experiência que integra economia solidária e agroecologia, propõe a formação de uma sociedade mais solidária, justa e igualitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar a experiência de economia solidária na Chapada do Apodi, por meio da implementação do projeto CSA Meu Quintal em Sua Cesta, que evidencia como os modelos alternativos de produção são viáveis e eficazes na promoção do desenvolvimento sustentável, da autonomia comunitária e da justiça socioambiental. Por meio da cooperação, da autogestão, da solidariedade e da valorização dos saberes locais, evidencia-se como as comunidades constroem caminhos que se contrapõem ao modelo econômico tradicional, especialmente diante dos desafios regionais como o acesso limitado à água, a concentração fundiária e as dificuldades de inserção nos mercados convencionais.

O estudo revelou que a CSA promove a valorização da agricultura familiar agroecológica, o fortalecimento dos vínculos entre o campo e a cidade, o protagonismo dos agricultores(as) na gestão do seu trabalho e na relação com os consumidores e a resistência comunitária diante das adversidades. Tais práticas contribuem para o empoderamento comunitário e a permanência das famílias no campo, ao mesmo tempo que despertam uma nova consciência de consumo nas áreas urbanas.

Nesse sentido, reafirma-se que a economia solidária não atua apenas como um modelo produtivo alternativo, mas também, como um instrumento potente de transformação social e fortalecimento da autonomia dos agricultores(as). O caso da CSA Meu Quintal em Sua Cesta ilustra como as práticas coletivas, enraizadas no território e nos saberes locais, podem contribuir para o enfrentamento das desigualdades e para o desenvolvimento regional sustentável no Semiárido, articulando práticas sustentáveis, justiça socioambiental e protagonismo comunitário. Sua continuidade e fortalecimento, contudo, depende de políticas públicas estruturantes e do engajamento das redes de solidariedade e resistência.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CAVALCANTE, L. V. Um novo mal anunciado: a territorialização do agronegócio do algodão transgênico no Ceará. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 22, n. 3, p. 145-169, 2021.

GAIGER, L. I. G. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, Salvador, n. 39, p. 181-211, 2003.

JUNQUEIRA, A. H.; MORETTI, S. L. A. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 517-538, 2018.

MALVEZZI, R. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007.

MELO, A. M.; FREITAS, A. F.; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, v. 17, n. 2, p. 82-99, 2020.

OLIVEIRA, A. W. F; OLIVEIRA, A. S; NOGUEIRA, R. S; MAIA, A. S; SILVA, M. S; FERREIRA, R. N. **Produção e comercialização no Semiárido: experiência na Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)**. 2022. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão em Saúde) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

SILVA, J. M; AZEVEDO, E. S. F; SILVA, C. S; BALBINO, R. S. Economia solidária e suas contribuições para a construção e fortalecimento da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2025.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA, J. A. **Agronegócio e injustiça ambiental na Chapada do Apodi (CE): a convivência precária com o Semiárido na fronteira do capital**. 2023. 223f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2023.

SOUSA, J. A.; CAVALCANTE, L. V. A resistência camponesa à expansão do agronegócio na fronteira agrícola da Chapada do Apodi/CE. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 26, n. 2, p. 146-181, 2024.

SOUSA, A. B; COSTA, C. T. F; FIRMINO, P. R. A; BATISTA V. S. Tecnologias sociais de convivência com o Semiárido na região do Cariri cearense. **Revista Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 197-220, 2017.
